

# ARTIGOS

---

## PÍTEAS DE MARSELHA. SUA VIAGEM E SUAS DESCOBERTAS.

---

### I. — INTRODUÇÃO NECESSARIA.

Na primeira metade do século passado, ou mais precisamente, no ano de 1836, Joseph Shaszewicz publicou, em Bruxelas, sua tradução francesa do opúsculo intitulado **Píteas de Marselha e a geografia de seu tempo**, de autoria do ilustre historiador e geógrafo polonês Joachim Lelewel.

Foi idéia feliz, pois se trata, em realidade, de trabalho meritório, não só pela brilhante projeção da imortal figura do explorador de Massália, mas ainda pela firme e notável erudição com que a realizou o sábio polonês, quer do ponto de vista histórico, quer do geográfico. Massália era o verdadeiro nome da colônia que os fócios fundaram entre os gauleses, topônimo que os romanos, mais tarde, deturparam, pronunciando Massília.

Píteas merece, sem dúvida, um honroso lugar entre os mais notáveis cientistas da Antigüidade. Tendo vivido, aproximadamente, de 330 a 280, antes da era atual, foi contemporâneo de Teofrasto, Euclides, Zênomo de Citium e Tolomeu Lagus, surgindo, por conseguinte, pouco depois de Filipe da Macedônia, Aristóteles e Alexandre.

Embora residindo na apartada colônia, mantinha-se a par dos progressos da filosofia, e da ciência de sua época. E' lamentável, portanto, que, ainda hoje, a personalidade excepcional desse greco-gaulês continui quase de todo deslembada, sendo para muitos vulto meramente fabuloso.

O principal incentivo que nos levou a traçar esta notícia foi a leitura da excelente memória de Lelewel, do qual extrairemos **large effuseque** as passagens mais instrutivas e interessantes, procurando introduzir, entre elas, apenas alguns esclarecimentos de que o historiógrafo polonês não poderia dispor em sua época. Daremos, assim, nossa modesta contribuição ao que chamaremos **moderno espírito religioso**, isto é, o culto dos grandes homens, verdadeiros autores do progresso e da grandeza de nossa espécie.

\*

Sabemos, graças a descobertas arqueológicas realizadas no corrente século, que o Mediterrâneo ocidental, desde éras muito afastadas, foi percorrido, em várias rotas comerciais, pelos frágeis barcos minoanos, na chamada época da **talassocracia cretense**.

Sabemos, também, que, mais tarde, depois da conquista de Creta pelos aqueanos do Peloponeso, êsse comércio marítimo ganhou notável desenvolvimento, só interrompido em virtude da invasão dórica. Essa invasão, pelo menos em parte, parece ter sido propiciada, aliás, por sensível enfraquecimento dos aqueanos da Tessália, que em grande número haviam partido para a chamada guerra de Tróia.

Atualmente, os especialistas mostram que muitas tradições lendárias e religiosas, recordadas nos poemas homéricos, datam das civilizações anteriores, cretense e miceniana, e das lutas dos guerreiros da Tessália contra os povos das ilhas do norte do mar Egeu e do litoral da Ásia. Essas tradições, entretanto, foram consideradas puramente fabulosas, até as descobertas de Evans e de seus continuadores, a partir de 1900, nos domínios minoanos.

Lelewel percebeu, de algum modo, essas curiosas circunstâncias, ao recordar que os primitivos poetas jônios se referiam à “espaçosa Líbia” e à grandeza da “ilha triangular”, onde viviam os sículos, mostrando, contudo, que êsses “limites do mundo” não pareciam familiares a seus marinheiros, pois, nos poemas homéricos, a Sicília era ainda considerada desconhecida e inatingível... Êste simples comentário demonstra cabalmente as conseqüências calamitosas da invasão dos dórios.

As tribos dóricas, ainda bárbaras e sanguinárias, aniquilando, no Peloponeso, o cerne da civilização miceniana, e ocupando, logo depois, a ilha de Creta, eliminaram, no Mediterrâneo, a maior parte das atividades comerciais marítimas e subverteram profundamente a organização social, não só da península grega, como também das ilhas do mar Egeu.

Criaram-se, destarte, condições excepcionais para a rápida expansão dos fenícios, que se encaminharam naturalmente para o norte da África, fugindo ao contacto e aos riscos daquele mundo convulsionado.

Ainda assim, os poemas atribuídos a Homero fazem repetidas alusões à concorrência fenícia, no mar Egeu. Nesses poemas, os semitas eram designados “sidônios”, ou “homens de Si-

dom”, mesmo depois que os verdadeiros fenícios de Tiro derrotaram os temíveis piratas zecais e conquistaram todo o território que lhes pertencia. O grande poeta sempre apresentava êsses “homens de Sidom” como vendedores de quinquilharias e raptos de mulheres, que vendiam, ao longe, para os harens dos potentados.

A verdade, entretanto, é que, segundo Estrabão, os verdadeiros navegantes fenícios, em tempos anteriores a Homero, já haviam atingido o Atlântico e comerciavam com alguns povos da península Ibérica.

Deixemos de parte, contudo, essas considerações, e tratemos, principalmente, dos assuntos visados na presente notícia.

\*

A terrível pirataria dos tirrênios foi o entrave mais sério ao início da expansão colonial dos gregos.

Segundo Heródoto, êsse povo teria emigrado da Lídia para a Itália sob a direção do príncipe Tirrenos, e de tal motivo lhe adveio a designação. Foi esta, aliás, a tradição que conservaram. No início de seu império, como informa Tácito nos **Anais**, diziam-se aparentados com os habitantes de Sardes, a capital da antiga Lídia.

Esta noção é perfeitamente aceitável, porque os tirrênios, aliados a outros “povos do mar”, foram vencidos em Magadil pelos egípcios. E’ possível, porém, que boa parte dêles, a exemplo dos filisteus (que eram aqueanos) haja permanecido na região durante séculos, pois atualmente se acredita que a sua penetração na península itálica teve lugar em fins do século XI, ou nos primeiros anos do seguinte.

A comprovação disso não derivou, apenas, das descobertas e estudos arqueológicos, mas também da circunstância de se terem fixado em suas novas conquistas sem conhecer o alfabeto, pois o que adotaram baseou-se indubitavelmente no calídico, usado em Cumes. Ora, se a migração fôsse mais tardia, como afirmam alguns historiadores, os tirrênios ou etruscos poderiam tê-lo aprendido na Lídia, porque, nas regiões egeanas, o alfabeto tornou-se bastante conhecido em fins do século X, ou talvez mais cedo.

Atualmente, possuímos noções, mais ou menos exatas, a propósito das origens dêsse povo tirrênio ou etrusco, digno de estudo e admiração, pois que foi, sem dúvida, o agente civilizador dos latinos, desempenhando, assim, papel semelhante ao dos cretenses, em relação aos aqueanos. Foram os

etruscos, como se sabe, os verdadeiros fundadores da cidade de Roma.

Esses tirsênios, tirrênios, ou etruscos — os *turchas*, no dizer dos egípcios — habitavam primitivamente a ilha de Lemnos, e talvez outras suas vizinhas, além de alguns pontos mais próximos do litoral europeu. Estariam, portanto, desde séculos, em contacto com os eólios, e deviam ter fruído anteriormente alguma influência benéfica da civilização egeana, dadas as suas atividades marítimas. Por outro lado, são indiscutíveis as influências que receberam das civilizações da Mesopotâmia, confirmando-se dêste modo, a tradição da permanência na Lídia.

Pertenciam à raça branca, mas não podem ser considerados atinentes a qualquer dos seus grandes ramos — o indo-europeu e o semita. Seriam, ao contrário, um dêesses povos oriundos da Ásia que, em época imprecisa, mas certamente muito remota emigraram para o sudoeste, talvez em busca de clima menos áspero. Essa parece-nos a melhor hipótese sobre seus antecedentes, semelhantes, de resto, aos de vários outros antigos povos mediterrâneos.

Há motivos para acreditarmos, além disso, que nem todo o povo tirrênio tenha deixado a ilha de Lemnos, quando da invasão da Síria. Ao que tudo faz crer, as hordas invasoras se transportaram por via marítima e, por isto mesmo, não podiam representar a totalidade dos insulares.

Dionísio de Halicarnasso, entre outros historiadores, já notava que, tanto pelo idioma, quanto por alguns costumes, os tirrênios eram inteiramente originais e não se assemelhavam a nenhum outro povo conhecido. Até nossos dias, com efeito, a língua etrusca continua a ser um enigma insolúvel, apesar das numerosas inscrições catalogadas e das persistentes tentativas de tradução de muitos especialistas.

Há poucos anos, interessantes descobertas criaram novas esperanças e reanimaram os pesquisadores: encontrou-se, na ilha de Lemnos, dupla inscrição, vasada em linguagem muito parecida com a etrusca, e, por outro lado, uma outra inscrição, na Ásia Menor, em lídio e arameu, mercê da qual se notaram perceptíveis pontos de contacto entre os idiomas lídio e etrusco.

Ainda assim, tudo leva a crer que o problema somente será resolvido quando se descobrir algum documento bilíngüe — em etrusco e cartaginês, ou em etrusco e grego. Dadas as prolongadas relações mantidas entre os três povos, é bem

possível que, algum dia, inesperadamente, surja êsse precioso recurso.

\*

Terminado êste indispensável preâmbulo, passaremos, agora, a resumir livremente alguns comentários de Lelewel, a propósito da expansão colonial dos helenos.

O assunto já se acha atualmente estudado em quase todos os pormenores, mas ainda assim a exposição do historiador polonês nada perdeu do interêsse, porque além de sempre muito clara, é precisa e sintética.

A primeira viagem do calcídio Téocles à Sicília foi considerada, entre os gregos da época, como verdadeira **descoberta**. Téocles, aliás, lutou contra sérios obstáculos, ao procurar marinheiros que o servissem. As suas travessias realizaram-se no ano de 780, antes da era cristã, sendo de notar que as mais antigas cidades da Jônia já então contavam cêrca de quatro séculos de existência.

Essa **descoberta** foi acontecimento notável e famoso. Daí por diante, os gregos de todos os rincões começaram a encaminhar-se para a Sicília e para o sul da Itália, protegidos pela poderosa frota de Corinto. Inúmeras colônias surgiram, desde então, nessas regiões, como relataram Tucídides e outros historiadores gregos, porque a pirataria tirrênia já não atemorizava os navegantes.

Cento e quarenta anos depois das viagens de Téocles, outros ousados viajantes comunicaram aos compatriotas suas recentes descobertas. Heródoto refere-se a um cretense, por nome Coróbios, negociante de púrpura que, em certa ocasião, fôra levado pelo vento à costa da Líbia, podendo, destarte, indicar essa rota, no ano de 639, aos dórios que desejavam fundar Cirene. Em sua desastrosa viagem, Coróbios conseguiu refugiar-se numa ilha, onde foi mas tarde recolhido por certo negociante de Samos, chamado Cóleos. Êste comerciante quisera ir ao Egito, mas foi desviado pelos ventos contrários e pela vontade dos deuses até às Colunas de Hércules, e depois até Tartessos, além do "mar interior".

Tal descoberta era para os jônios de enorme importância. Observaram, em Tartessos, um comércio animadíssimo, pois, afora as mercadorias locais, havia trocas com os habitantes das regiões do norte e com os fenícios, que possuíam várias feitorias nas proximidades.

Entre as mercadorias do tráfico, contava-se o estanho. Divulgaram-se, então, entre os gregos, noções vagas sobre as ilhas de onde provinha esse metal e sobre as costas do norte da Europa.

Os navegantes de Samos, sem perda de tempo, procuraram aproveitar a descoberta de Cóleos, e trataram de percorrer o “mar interior”, para estabelecer relações comerciais com diversas tribos litorâneas. Outros jônios, e especialmente os fócios, seguiram o exemplo dos samianos.

A descoberta do mar Adriático, da Etrúria, da Ibéria e de Tartessos lhes foi atribuída por Heródoto, porque, costeando a Europa, atingiram também o oceano, além das Colunas de Hércules. Sabemos, porém, que os fenícios, pelo norte da África, haviam descoberto Tartessos, talvez com uma anterioridade de trezentos anos. Apenas, enquanto puderam, guardaram ciosamente seus descobrimentos, a fim de evitar a concorrência.

\*

Na época dessas primeiras viagens dos jônios a Tartessos (o rio Tartessos é o **Baetis**, atualmente **Guadalquivir**) estava o país sob o reinado de Argantônios (629-549), que sempre se mostrou muito simpático aos gregos. Os jônios, viajando amiúde pelas costas mais ocidentais do “mar interior”, foram naturalmente levados a fundar colônias além da Sicília: **Monaecos**, entre os lígures; **Hemeroscopion**, entre os iberos; e **Cybos**, na Líbia, na qual, de resto, habitavam fenícios.

Os fócios, que também eram jônios de origem, criaram a sua colônia. Sob o comando de Prótis, ou de Euxenes, desembarcaram numa região ocupada pelos salilígyres, que os receberam hostilmente, e por isto foram os gregos levados a aliar-se a Nannus, chefe dos segobrígyos. Este gaulês concedeu a Prótis sua filha Giptis em casamento, tornando assim possível a fundação de **Massália**, no ano de 600, antes da era cristã. Fócea, a **metropolis**, já contava então 530 anos de existência.

Apesar dos progressos e aperfeiçoamentos já alcançados, nessa época, pelos navegadores jônios, a verdade é que, de modo geral, reconheciam e confessavam serem os fenícios muito mais peritos do que eles, na arte de navegar.

Diz Lelewel que os semitas de Tiro, nas suas mais longas travessias, no Mediterrâneo, guiavam-se à noite pela Ursa Menor, que, embora menos brilhante, é mais exata para o uso da navegação, ao passo que os gregos utilizavam a Hélice ou a

Ursa Maior, por serem mais brilhantes e mais fáceis de reconhecer.

A seu ver, os pilotos fenícios estavam tão familiarizados com o mar, que atravessavam tôdas as alturas das águas do “mar interior”, guiando-se, apenas, pelos astros, sem que lhes fôsse necessária a vista dos continentes ou das ilhas. Os gregos, ao contrário, só faziam ordinariamente a navegação costeira, e sabiam que os fenícios freqüentavam mares que lhes eram inteiramente desconhecidos. Pensamos, contudo, que os fenícios nunca se atreveram a afastar-se muito do litoral dos continentes, quando no Oceano.

\*

Prossigamos, porém, no exame direto dos comentários do historiador polonês. A pirataria, afirma êle, não conseguia impedir que os viajantes e negociantes gregos tentassem tirar tôdas as vantagens das novas descobertas, e os geógrafos mais próximos dessa época, ou logógrafos, isto é, os primeiros prosadores gregos) que se dedicavam à descrição da terra, chegaram a escrever trabalhos minuciosos acêrca das regiões costeiras do Mediterrâneo, e mesmo de algumas situadas além das Colunas de Hércules. Nesses trabalhos, referiam os nomes dos indígenas e as colônias dos fenícios e etruscos, ou dos gregos de diversas procedências.

Os helenos não se queixavam, então, de nenhum obstáculo a suas atividades: a navegação era livre e suas transações francamente admitidas, tanto nos mercados asiáticos da Fenícia, pròpriamente dita, como nas colônias do ocidente. As numerosas cidades, colônias e feitorias fenícias compunham, então, uma unidade, na qual a cidade de Tzor, ou Tiro, exercia a supremacia. Tiro assenhoreou-se dos mares, dominou a Líbia e a Ibéria, repeliu repetidos ataques dos potentados asiáticos e fêz tremer muitos reis. Mas sua grandeza e potencialidade não puderam, por fim, resistir à fôrça esmagadora dos caldeus. Em 585, provàvelmente, a capital e tôdas as cidades fenícias caíram sob o domínio do rei de Babilônia.

\*

Ainda não haviam decorrido quarenta anos da fundação de Massália, quando a Fócida foi ameaçada por gravíssima agressão estrangeira: o ataque de Creso, rei da Lídia.

Argantônios, diz Heródoto, sempre amigo dos gregos, verificando o enorme perigo, ofereceu-lhes recursos, em dinhei-

ro, para que fortificassem a capital, ou refúgio seguro em seu país, em caso de desastre. A **metropolis** foi realmente assaltada pouco tempo depois, e quando a resistência se tornou impossível, os fócios, que não quiseram submeter-se, emigraram para o Ocidente e fundaram, em 563, a cidade de **Alália**, na Córsega.

A submissão a Creso seria, entretanto, simples prelúdio de desgraças mais deploráveis, que os jônios e todos os gregos da Asia deveriam sofrer, um pouco mais tarde.

Oito anos depois, com efeito, Ciro, após a conquista da Lídia, intimou as repúblicas jônicas a que se rendessem. Em 554, os fócios, não mais podendo resistir, preferiram deixar para sempre seus lares invadidos a tornarem-se escravos dos bárbaros. Poucos permaneceram na cidade arruinada e deserta: a massa da população, usando a numerosa frota de que dispunha, partiu para a Córsega, em busca do convívio de seus compatriotas de **Alália**. Argantônios, que morreu em 549, não logrou a satisfação de acolher, em Tartessos, êsses colonos desejados.

\*

A fundação de **Alália**, na Córsega, foi talvez um ato impensado, de conseqüências desastrosas para o futuro dos fócios, como passaremos a narrar.

Com a queda definitiva da mãe-pátria, a gloriosa Fócia, e a emigração quase total de seus habitantes, as duas colônias, **Massália** e **Alália**, ganharam poder naval surpreendente, que lhes proporcionou rápido progresso e desenvolvimento. O gênio e a tenacidade dos fócios, escreve Lelewel, abalados em seus fundamentos nas terras asiáticas, transportando-se para o Ocidente, em breve fizeram sombra aos etruscos e libo-fenícios.

A Etrúria, principalmente, sentiu a grave ameaça — e com razão — pois ficara bloqueada pelas colônias helênicas. Sensivelmente prejudicada, procurou libertar-se do cêrco, em que se achava, buscando a aliança de Cartago, livre, então, da tutela de Tiro, que já se encontrava sob o domínio dos persas.

A hegemonia de Cartago fôra, aliás, obtida mediante lutas sangrentas contra algumas cidades irmãs, e nessas lutas o chefe cartaginês, Maleus, demonstrou, sem ambages, o seu espírito ríspido e cruel. O verdadeiro nome desta cidade, em fenício, era **Tzor**, mas, para evitar confusão, com a antiga **Tzor**



(Tir, ou Tiro), usavam dizer **Kart Hadatsch Tzor**, isto é, nova cidade de Tzor.

Vitoriosa, surgiu, então, para o mundo como potência de primeira grandeza, herdeira do rico império colonial de Tiro, mas sobretudo avantajada porque, nessa época, tôda a Grécia se encontrava absorvida na defesa de sua liberdade contra o imenso perigo persa.

Maleus aceitou a aliança etrusca, resolvido a utilizá-la para destruir os fócios e depois empreender novas conquistas. aumentar o número de suas colônias e feitorias, estabelecendo o monopólio do comércio cartaginês na bacia ocidental do Mediterrâneo, embora com o sacrifício de seus aliados do momento.

Em 536, reunindo no mar da Sardenha, tôdas as suas forças navais às dos etruscos, preparou-se para uma luta decisiva contra os fócios. De cada partido, tomaram parte no encôntro sessenta navios. No gênero, até aquela época, nunca houvera batalha de tamanho vulto.

A frota etrusco-cartaginesa foi completamente destruída. Mas os fócios obtiveram uma vitória "cadmiana", pois, tendo perdido quarenta naves, com as restantes danificadas sentiram-se forçados a deixar **Alália** no ano seguinte, em falta de recursos para restabelecer-se, o que não era problema para os inimigos. Alguns partiram para **Massália**, mas a maior parte se dirigiu para o sul da Itália, fundando, no país dos enátrios, uma nova cidade, **Velia** ou **Eléa**, que se immortalizou pela escola filosófica de Zênem.

Com a retirada dos fócios de **Alália**, os etruscos ocuparam a Córsega e passaram a dominar novamente o mar tirênio.

\*

Depois que os fócios deixaram **Alália**, também a hegemonia de Cartago, no Mediterrâneo ocidental, desenvolveu-se rapidamente.

Os cartagineses, como comenta Lelewel, sabiam tirar vantagem de cada circunstância, firmando tratados com diferentes povos, mercê dos quais determinavam as rotas de navegação e as normas de comércio, sempre dentro de estreitos limites. Vigiam, principalmente, os gregos. Expulsaram da África o lacedemônio Dóricos, irmão de Leônidas, que viera estabelecer-se perto do rio Cinips, e o perseguiram até a Sicília, onde veio a falecer.

Os mares além da Sicília, diz ainda Lelewel, outrora acessíveis e conhecidos dos helenos, achavam-se completamente fechados, e suas atividades comerciais tornaram-se aí muito raras e quase impraticáveis. Em tôda a Grécia, e mesmo nas colônias mais ocidentais, não havia quem tivesse sequer avistado o Oceano. Os geógrafos e escritores gregos dêsse período quase nada referiam a propósito das aludidas regiões.

Sômente **Massália** conservava o conhecimento de tais coisas e, de certo modo, conseguia enfrentar o orgulho dos que se arrogavam injustamente o império dos mares. Em 483, os cartagineses aceitaram a proposta de Xerxes unindo-se ao persa para exterminarem o inimigo comum.

Nessa época, **Massália** só se achava aliada a algumas tribos celtas e aos iberos. Combatia os lígures, no continente, e os etruscos e cartagineses nos mares. Foram êstes últimos que iniciaram a agressão, aprisionando barcos de pescadores pacíficos, ao largo das costas.

**Massália** não pôde, assim, evitar a destruição de algumas de suas colônias e feitorias afastadas, sobretudo na Líbia e na Ibéria, mas protegeu e salvou as mais próximas. Além disto, muita vez venceu no mar, não só os etruscos, como os cartagineses, ditando-lhes as condições da paz.

Em 476, Géloom, tirano de Siracusa, solicitado a socorrer a cidade de Cumes — a mais antiga colônia grega no sul da Itália — destruiu definitivamente a marinha etrusca, livrando **Massália** dessa incômoda inimiga. O fim da Etrúria se aproximava.

Cartago, por seu turno, farta e fatigada por tantos anos de lutas, quase sempre injustas e por vêzes desastrosas para seus interesses, deixou de perseguir os fócios e não mais os perturbou em suas atividades comerciais.

**Massália** pôde, então, novamente, expandir a sua supremacia fraterna sôbre as colônias que ainda subsistiam na orla marítima da Ibéria, da Céltica e da Ligúria. Multiplicou, nesses países, suas feitorias e reedificou algumas cidades arruinadas pelas guerras passadas. Rodes e Empório substituíram Pirene e Hipsele, aniquiladas pelos cartagineses.

Em 388, fêz a paz definitiva com os gauleses. Sem tomar qualquer iniciativa bélica contra os cartagineses, firmou nessa época uma aliança perpétua com a Roma latina, grande força nascente, e pôde, assim, gozar de paz e liberdade.

Pacífica e rica, introduzindo princípios de civilização no interior do continente, pôde **Massália** estabelecer comunicações

através das Gálias até os morinianos, que habitavam o litoral oposto, diante de uma terra vasta, que se estendia no seio das ondas do **Oceano septentrional**.

Desde tempos remotos, falava-se, entre os gregos, dos grandes conhecimentos que os fenícios e os cartagineses possuíam sobre o Oceano. Heródoto, especialmente, fez referência à viagem realizada pelos fenícios à volta da África, por iniciativa do faraó Necáo, em 617 a. C. Por certos comentários do mortal historiador, chega-se à conclusão que esse périplo provavelmente se realizou, pois, graças a êle, tornou-se esclarecido que a África era inteiramente cercada pelo Oceano, exceto no trecho constituído pelo istmo bem conhecido. Viagens semelhantes foram, mais tarde, aludidas entre os persas, como tendo sido efetuadas pelos fenícios no ano de 470 a. C.

Duas décadas mais tarde, isto é, aproximadamente em 450, circularam na Grécia boatos segundo os quais a poderosa Cartago enviara, havia pouco, duas expedições exploradoras ao Oceano, além das colunas de Hércules; uma chefiada por Himílcom, seguira para o norte, acompanhando o litoral da Europa; a outra viajara em direção contrária, costeando-se à Líbia, região até certo ponto conhecida. Falava-se, também, de várias ilhas descobertas pelos cartagineses, de onde lhes vinha o estanho.

Segundo Aristóteles, as crônicas dos cartagineses, em que se teciam comentários sobre a viagem de Hannom à costa da África, eram lidas com muito interesse pelos helenos. Realmente, chegou até nós uma tradução grega do **Livro do Piloto**, atribuído a Hannom. É muito pouco interessante. Refere-se ao litoral de Marrocos e às ilhas situadas a oeste da África. De passagem, menciona um “povo selvagem” chamado **gorillae**, origem do nome do grande antropóide. A descrição, além de muito pobre, é indubitavelmente falsa:

“A maioria era de fêmeas, com os corpos cobertos de densos pêlos; os intérpretes disseram-nos que eram chamados **gorillae**. Perseguimos os machos, mas não conseguimos apanhá-los. Escaparam, subindo as escarpas e atiraram pedras em nossa direção. Capturamos três fêmeas, que morderam e arranharam os caçadores. Matámo-las e levamos os couros para Cartago”.

Da expedição de Himílcom conheciam também referências a episódios extraordinários, como, por exemplo, as dificuldades que encontrara para percorrer o “imenso” golfo de

Estrímnia, fato que demonstra ter o navegante acompanhado o litoral. Fôra essa a viagem em que se descobriram as ilhas do estanho, metal a que já Homero se referia, chamando-lhe **Kassiteros**, denominação que, aliás, não é de origem grega.

Os cartagineses deram às ditas ilhas o nome de **Estrírnides**, qualificativo que abrangia, de resto, todo o Ocidente, **desconhecido e sombrio**.

Nessas mesmas narrativas, havia alusão a uma ilha santa, habitada pelos hibernos, e a outra chamada Albiom, mas tudo se dizia de mistura com muitas noções obscuras, vagas, incompreensíveis, de par com fabulosos enredos, que se destinavam, ao que mais parece, a atemorizar os possíveis concorrentes.

\*

No tempo de Píteas, já não se acreditava na Grécia que a terra habitável fôsse plana, redonda e cercada pelo Oceano. Os conhecimentos adquiridos na Ásia, graças às conquistas de Alexandre e às observações dos céus deram vida a outras idéias. Presumia-se, então, confusamente, que a terra era oblonga, oval e contornada por um só e imenso Oceano, sendo dividida em três ou quatro partes, correspondentes aos quatro grandes povos: o celta, o cita, o indiano e o etíope, que ocupavam os confins do oval. O umbigo da terra era o ônfalo do templo de Apolo, em Delfos.

A divisão da terra em três partes era feita por dois rios — o **Tanaís** e o **Nilo** — ambos com a incrível propriedade de possuírem “dupla foz”, e as partes, assim limitadas, eram a Europa e a Líbia, no Ocidente, e a Ásia, no Oriente.

Os fócios de **Massália**, embora apartados do mundo grego, procuravam cultivar-se e acompanhavam de perto os progressos das concepções e hipóteses que surgiam em Atenas. No caso, entretanto, levavam grande e incontestável vantagem, pois dispunham de conhecimentos positivos acêrca da bacia ocidental do Mediterrâneo, das colunas de Hércules, de Tartessos e do Oceano, aditando-se o interior da Céltica, que lhes não guardava, então, maiores segredos.

Foram naturalmente êsses conhecimentos, em conjunto, que despertaram em Píteas o desêjo de observar de perto os fatos narrados pelos cartagineses e verificar os limites da Céltica, ao norte.

\*

## II. — A viagem de Píteas.

A descrição da viagem de Píteas constitui a parte mais interessante do opúsculo de Lelewel e, nesta circunstância, é natural que procuremos aproveitá-la ao máximo, para que possamos apreciar a personalidade do viajante, ao mesmo tempo geógrafo e astrônomo.

Gosselin, em suas **Pesquisas sôbre a geografia sistemática e positiva dos antigos**, contra a opinião de Gassendi, considerou o célebre marselhês como um ousado embusteiro, tendo descrito viagem que nunca realizou. Observaremos, pela narrativa e pelos comentários de Lelewel, que, neste caso, quem falseou a verdade foi o próprio Gosselin...

\*

**Massália**, afastada das discórdias e agitações que aniquilaram a Grécia, desfrutava pacificamente, havia quase meio século, seu crescente progresso e as riquezas que acumulara.

Foi nessa situação privilegiada que, à volta do ano de 340, dois homens de valor, até então desconhecidos, partiram do belo pôrto, talvez por iniciativa da República, com o intuito de explorar o **Oceano** e, provàvelmente, verificar o que havia de verdadeiro nas vagas e obscuras afirmativas dos cartagineses. Estes homens chamavam-se Eutímenes e Píteas.

Eutímenes percorreu a rota de Hannom e dos outros viajantes cartagineses que, nessa época, provàvelmente, freqüentavam amiúde as costas ocidentais da África. Podem encontrar-se ligeiras notícias desta viagem em diversos escritores gregos. Píteas seguiu o caminho de Himílcom, mas ultrapassou-o consideravelmente.

Depois de ter regressado de sua expedição, o heróico viajante redigiu duas narrações a respeito, uma relativa ao **Oceano** ("Peri toÿ Okeanoÿ") e outra às **Terras** visitadas ("Gesperiódos). Essas duas obras, compreendendo suas descobertas e suas observações, não chegaram a nossos dias, mas, por sorte, ainda de ambas restam citações esparsas, em livros de historiadores gregos e latinos. Em realidade, assinala Lelewel, todos êsses fragmentos se reduzem a referências de três autores: Estrabo, Diodoro da Sicília e Plínio. O primeiro menciona Píteas, estribando-se em comentários de Hiparco e Políbio; o outro reproduz as transcrições de Timeu; e o terceiro serviu-se dos comentários de autores mais recentes, que talvez só se baseassem nos predecessores.

O trabalho de Lelewel, para reconstituir a descrição da viagem, foi necessariamente difícil e cauteloso: procurou aproximar os subsídios existentes e ligá-los aos conhecimentos da época, seguindo com os escritores quase contemporâneos de Píteas o caminho percorrido pelo notável explorador, antes de ultrapassar os limites dos conhecimentos já vulgarizados.

\*

Píteas, partindo do pôrto de **Massália** para dirigir-se sã Colunas de Hércules, mantinha sempre o litoral à direita. A pouco trecho, encontrava a foz do Ródano e, na sua proximidade, um povoado, dependente de **Massália**, chamado Rodanúsia. Os historiadores gregos da época davam a êste trecho do litoral o nome de Ligística, embora, já então, os celtas ou gálatas o houvessem conquistado e dominassem inteiramente a antiga população.

Um pouco adiante, existia outro burgo fundado pelos fócios, que se denominava Agata (Agdes), situada não muito longe da antiga Narbo, outrora povoação principal dos asselvajados elísios. Narbo resistiu à sorte fatal dos povos lígures, se assim podemos classificar os elísios, primitivos senhores dêsses **campos**, que se tornaram tão célebres entre os gregos, graças à fábula divulgada por Homero.

Ao pé dos Pirineus, erguiam-se duas outras povoações, também fundadas por massalienses, ambas notáveis por sua posição e importância: eram Rodes e Empóriom, atualmente Rosas e Ampúrias, sendo curioso notar que **ródon** é vocábulo da língua cretense, possuindo exatamente a significação de **rosa**.

Aí começava a Ibéria, objeto de descrição de Éforo, Filisto, Herodoro e Teopompo. Os fragmentos dêsses autores que até nós chegaram não se contradizem, mas oferecem, apenas, fraquíssima noção geográfica, aliás a única que os gregos da época possuíam. Alguns dentre êles, como por exemplo Heratóstenes, julgavam que a Ibéria fazia parte da Lígia, ou vastíssima Ligúria.

Encontravam-se aí duas antigas povoações, que haviam resistido às guerras e às calamidades dos séculos: Barcino e Tarraco, hoje chamadas Barcelona e Tarragona, cujos portos oferecem abrigo seguro aos marinheiros, como Píteas parecer assinalado. Os bebrícios ocupavam ampla região em tôrno da foz do riacho Iber.

A vila de Hiops, atualmente Geníscola, ficava situada numa península, de fácil defesa. Hemeróscopion era a última cidade grega existente nessas paragens, pois, daí em diante, só se encontravam colônias libofenícias, ou melhor, cartaginesas, a começar de Massia, o país dos massienses.

Cumprе notar, entretanto, que mais tarde, segundo Plínio, os gregos fundaram colônias em diversos pontos do litoral atualmente português, sobretudo nas margens do Minho e do Douro, subindo pelas fozes. Além disto, também não devemos olvidar que, costeando-se o Mediterrâneo em direção contrária à de Píteas, se encontrariam as seguintes colônias fundadas por Massália: Monaëcus (Mônaco), Niceae (Nice), Antípolis (Antibes), Athenopolis (Saint Tropez), Olbia (Saint Pierre d'Almanarre, perto de Hyères), Tauroeis (Sanary ou Saint Cyr) e Citharista (la Ciotat).

\*

Antes de continuar a narrativa de Lelewel sôbre a viagem do inesquecível marselhês, julgamos interessante fazer alguns comentários a propósito dos navios gregos daquela época.

O historiador Henri Hubert, em sua obra **Les Celtes et l'Expansion celtique jusqu'a l'Époque de la Tène**, refere-se a Píteas com elogios, mas comete dois lapsos verdadeiramente inexplicáveis: o primeiro, é ter considerado que houve duas viagens, quando Píteas, em seus relatórios, mencionou, apenas, a viagem de ida e a de volta; o segundo, mais grave, é afirmar que o marselhês e seus companheiros utilizaram navio fenício.

Por que motivo empregariam os fócios navio fenício para realizar uma empresa desse tipo? Seriam os vencedores de etruscos e cartagineses, na batalha naval de Alália, incapazes de preparar um barco para longa viagem exploradora, dessa natureza? Não é de crer.

Reproduziremos abaixo boa página de A. Jardé sôbre a navegação entre os helenos, tomada de sua obra **La formation du peuple grec**, notável sob diversos aspectos.

“Antes de tudo, escreve o citado autor, o mar é para o grego a via principal de comunicação. Os progressos da navegação foram contínuos. Na origem, os gregos de Homero usam o mesmo barco que os egeanos: é uma canoa sem ponte, de proa elevada e popa mais baixa, caminhando à custa de vela e de remos, e dirigida mediante sistema primitivo, constituído por dois remos na

parte posterior. Essas pequenas canoas são embarcações leves, que facilmente emborcam, e incapazes de transportar muitos viajantes, ou muita mercadoria. Por isto mesmo, poucos se arriscam a enfrentar o alto mar. Seguem, tanto quanto possível o litoral, e passam do continente a uma ilha, e de essa ilha a outra, reduzindo ao mínimo os trajetos marítimos, sujeitando-se, embora, a aumentar as portagens. Tróia controla a passagem que vai do mar Egeu à Propôntide, evitando os ventos e as correntes contrárias dos Dardanelos; Micenas, o caminho que utilizam os viajantes entre o gôlfo de Corinto e o gôlfo de Argos...

“O navio do período clássico conserva ainda as linhas gerais dos antecessores, mas ganhou em segurança, porque possui ponte, e aumentou de tonelagem e rapidez. Distinguem-se, com efeito, dois tipos de navio, os **redondos** e os **longos**, sendo estes últimos as naves de guerra. Os primeiros são mais largos, mais ventruídos, para receberem maior quantidade de mercadorias e chegam a carregar um péso de 10.000 talentos, o que corresponde a uma capacidade de 250 a 260 toneladas. O casco é espesso para resistir à força do vento sobre as velas, e usam-se velas, para reduzir as despesas que ocasionam os remadores. Possuem alguns remos, utilizados, apenas, para manobrá-los segundo a direção dos ventos, mas insuficientes para fazê-los caminhar.

“Os segundos, que buscam sobretudo a velocidade e a facilidade de evolução, desenvolvem-se em comprimento, de maneira a alinhar sobre as bordas o maior número possível de remadores, sendo a vela, no caso, simples auxiliar”.

O número de remadores, acrescenta Jardé, foi ainda aumentado pela disposição de bancos superpostos. Os fócios eram considerados os criadores dos navios longos, com vinte e cinco remadores de cada lado, mas esses, desde época remota, foram aos poucos substituídos pelos birremes. Mais tarde, apareceram os trirremes, cujo invento pode atribuir-se aos armadores de Corinto.

Em face desses dados, parece-nos fácil compreender a superioridade dos gregos nos combates navais, e, além disto, que Píteas, em sua viagem, por ser mais econômico, devia ter utilizado um moroso **navio redondo**, para poder levar maior quantidade de alimentos e, talvez, de mercadorias de troca. A frota de **Massália**, aliás, devia ser, na época uma das melhores do mundo civilizado.



Entre os território dos massienses e o famoso país dos tartéssios, segundo Avienus, habitavam os cilbicênios, cuja principal povoação estava situada no promontório que já se denominava Calpe.

As vilas de Calatusa e Xera também se encontravam nessa região, a pequena distância do estreito das colunas de Hércules, que constituíam a porta de entrada para o Oceano.

Os escritores gregos, continua Lelewel, repetiam êsses nomes, baseando-se, naturalmente, nos informes dos marinheiros de **Massália**, que mantinham relações mais ou menos frequentes com as cidades da Sicília e da Magna Grécia.

Píteas estimava em 7.000 estádios a distância, em linha reta, de Massália ao estreito das colunas. Dêsse estreito ao promontório dito **Sagrado** (Sacro, Sagres), 3.000 estádios; de Gádir até o aludido promontório, acompanhando o litoral do continente havia cinco dias de navegação, vale dizer, 2.500 estádios.

A célebre cidade fenícia, Gádir ou Gádes, atualmente Cádiz, fôra erguida numa ilha. Os gregos sabiam da existência de uma ilha "afortunada", que se chamava Erítia, e que o rio Tartessos nascia a longa distância do litoral, e dava ao país o nome de Tartéssiom.

Os cinesienses ocupavam a extremidade mais avançada do continente europeu, neste ponto, constituída pelo promontório dito **Sagrado**, ao que nos parece, em virtude de aí existir um templo construído pelos primitivos viajantes fenícios e consagrado a **Melcarte** ou **Melicerte**, que os gregos confundiram com Hércules.

\*

Sabia-se que no interior da Ibéria, mais ao norte, habitavam os tletos, os gletos e os igletos, mais tarde denominados galeci ou galaici. Sabia-se ainda que a Ibéria, em sua totalidade, estava encravada na imensa Céltica, limite ocidental, da terra habitável, como então imaginavam os escritores gregos.

Os celtas achavam-se colocados sob o vento zéfiro; ocupavam a quarta parte da terra habitável, desde Gádir até a Cítia. Píteas deveria explorar e indicar os limites e a extensão desta porção do mundo.

Os historiógrafos posteriores que o citam, censuram-no por ter dito que o fluxo do mar acabava no promontório **Sagrado**, ao passo que êste fenômeno se renova, duas vêzes por dia, em tórno da terra habitada. Não possuímos as palavras de Píteas, para julgar o valor da crítica, que uma insegurança de expres-

são pode ter ocasionado, mas o fato é que Píteas observou muito bem o fenômeno, tanto à volta do promontório, como em todo o Oceano, e o atribuiu à influência da Lua. Não era, portanto, simples fanfarrão, como o julgava Artemidoro.

\*  
Não conhecemos, daqui por diante, os pormenores da longa viagem, porque os geógrafos gregos posteriores, privados de qualquer noção sobre essas paragens, ignorando inteiramente o que aí podia existir, aferrados a velhos preconceitos, evitaram repetir o que Píteas descrevera, taxando-o de falso e fantasista.

Os fragmentos de seus relatórios, que chegaram a nosso conhecimento, não fornecem esclarecimento algum acerca dos povos por êle observados, ao percorrer a grande sinuosidade do gólgo Estrímnico (gólfo de Biscaia), que fôra explorado durante quatro meses, 80 ou 100 anos antes, com sofrimentos inexprimíveis, pelo cartaginês Himílcom. Mas, nem as algas, nem os baixios tão celebrados pelas descrições do fenício, foram notados pelo viajante de Massália... Nada o impediu de atingir as terras da Bretanha.

\*  
Esta região, povoada pelos timienses, chamados *osismi* por Tolomeu, César e outros escritores, projeta-se no Oceano e termina pelo promontório Cálbiom, hoje Gobe-stan. Píteas acreditava que êste cabo avançara para o Ocidente 2.000 estádios a mais do que o promontório Sagrado. A três dias de viagem, vale dizer, a 1.500 estádios, em direção ocidental, encontram-se diversas ilhas, dentre as quais a última era a Ouxisame, isto é, a que atualmente se denomina Ouessant.

Até êste ponto, o explorador de Massália seguiu exatamente a rota de Himílcom. O cartaginês, entretanto, daí por diante afastou-se do litoral do continente, dirigindo-se diretamente para as ilhas que forneciam o estanho, das quais, naturalmente, já possuía informação. Os gregos também tinham notícia dessas ilhas, mas com o nome de Cassitérides. São as atuais Sorlingas.

Píteas, pelo contrário, tendo dobrado o promontório Cálbiom, prosseguiu a viagem, acompanhando a costa, pois o seu fito principal era o conhecimento da Céltica, sua extensão e seu término. Caminhou, assim, para a foz do Reno, mas, antes de atingí-la, acreditando estar a 45° de latitude, encontrou-

se num estreito de 100 estádios de largura, que separava a Céltica de uma grande ilha, chamada Albiom, segundo informação de Himílcum.

\*

Píteas verificou que esta grande ilha era triangular e, além disto, que a sua costa meridional estava voltada para os celtas, e apenas a alguns dias de navegação do continente. Segundo seus cálculos, o comprimento, desde o promontório Cantiom, até Beleriom, era de 7.500 estádios, e Beleriom estava a quatro dias de viagem do continente, vale dizer, a 2.000 estádios. O outro lado da ilha, desde Beleriom até Orcas, tinha 1.500 estádios. O terceiro, desde Orcas até Cantiom, 2.000 estádios.

Notamos, acima, que o navegante massaliense não se dirigira às ilhas Cassitérides. A existência delas, porém, e o tráfico entre Albiom e a Céltica não lhe podiam ser desconhecidos, mesmo que jamais houvesse saído da cidade natal. Píteas, certamente, não deixou de explicar tudo isto em suas descrições, e bem assim o que se referia ao comércio de estanho e chumbo, cujo entreposto se encontrava na ilha de Ictis ou Mictis. Era naturalmente pelas informações dos marinheiros de Massália que os outros gregos estavam em condição de narrar as circunstâncias em que se realizavam. Por isto mesmo, Lelewel julgou perfeitamente legítimo resumir o que até nós chegou, narrado por um escritor grego muito próximo de Píteas, e que de certo o copiou cuidadosamente. Estas informações foram depois reproduzidas por alguns historiadores mais modernos.

Os habitantes do cabo Beleriom recebiam cordialmente os estrangeiros; além disto, o grande número de comerciantes que os visitavam, vindos dos mais diversos países, tornava-os muito mais sociáveis do que os outros povos da ilha. Eram eles que extraíam o estanho de uma jazida, explorada com muita perfeição. Uma vez extraído o metal, e convenientemente purificado, fundiam-no em pequeninos cubos, ou como diziam os gregos, em “pequeninos dados de jogar”.

Feito isto, transportavam-no em carretas toscas para uma ilha vizinha, que, como já dissemos, se denominava Ictis ou Mictis, a atual ilha de Wight, efetuando este trabalho durante a maré baixa.

Os comerciantes estrangeiros que adquiriam o estanho, levavam-no para a Céltica. A viagem da ilha até o continen-

te, durava cerca de seis dias. Uma vez no continente, o metal era transportado em tropas de cavalos, que caminhavam trinta dias (6.000 estádios) até atingirem a foz do Ródano.

Píteas pretende ter percorrido tôdas as partes acessíveis da ilha: mas a verdade, porém, é que a mais praticável e mais conhecida, a das cercanias do cabo Beleriom, não foi visitada por êle. Verifica-se realmente que, ao atingir o promontório de Cantiom, dobrou à esquerda e percorreu tôda a costa oriental, até o promontório de Orcas, no extremo norte.

Durante êste percurso, teve o navegador oportunidade de observar diversos costumes dos habitantes — os bretões — depois reproduzidos nas obras dos escritores que o copiaram. Foi Píteas, ao que parece, o primeiro geógrafo que divulgou o nome desses insulares.

Os bretões (célticos, também) usavam carros, como os eólios que sitiaram Tróia. Suas casas eram, quase tôdas, de madeira e cobertas de colmo. Tinham por hábito, quando da sega, cortar as espigas e guardá-las em depósitos subterrâneos. Utilizavam sempre as espigas mais velhas, fazendo a farinha à medida das necessidades. Seus costumes eram simples e pacíficos. A sobriedade reinava entre êles e ignoravam a ociosidade, que só a riqueza proporciona. A população da ilha britânica era bastante densa. Seu clima extremamente frio, porque a ilha ficava sob a grande Ursa. Embora governada por diversos reis, êsses mantinham, quase sempre, a paz entre os povos. Tôdas essas informações, mais tarde foram confirmadas.

Fêz-se também justiça a Píteas quanto ao que por êle foi aludido, no tocante aos povos vizinhos da zona glacial. Disse o notável explorador que tais povos, ou não dispunham, ou dispunham pouquíssimo de animais domésticos e produtos de cultura vegetal, e que se nutriam de milhã, ou de ervas, frutos e raízes selvagens. Os que cultivam o trigo e conseguiam mel, com isto se alimentavam e faziam suas bebidas. Finalmente, como os bretões não têm sol sem nuvens e como, na ilha, as chuvas são freqüentes, não se podem servir de áreas descobertas para preparar os grãos, sendo obrigados a transportá-los para vastos celeiros, onde batem as espigas. Por tudo isto, observa-se que o massaliense entrava em pormenores e reparava em particularidades, sendo deplorável a perda de seus trabalhos originaes.

•

Tendo atingido Orcas, o intrépido navegante afastou-se da ilha e rumou para o norte, em pleno oceano, atravessando região onde, segundo os bárbaros, as noites dos solstícios duravam apenas 3 ou mesmo 2 horas. Depois de seis dias de navegação, isto é, a 3.000 estádios ao norte de Orcas, atingiu uma terra chamada Tule, provavelmente a maior das Shetlands.

Píteas, sendo de Massália, conhecia provavelmente algum dialeto céltico, podendo assim entender-se, até certo ponto, com os bretões. Nestas possíveis circunstâncias compreende-se que haja empreendido essa viagem a Tule, graças a informações colhidas em Orcas. Ainda assim, não pôde afirmar se se tratava de uma ilha ou de um continente. Julgou, contudo, que nesse país o dia solsticial deveria ser de 24 horas e a latitude de cerca de 66 graus. Deduziu, então, que, mais para o norte, haveria regiões em que os dias e as noites durariam seis meses, alternativamente, o que nos parece uma demonstração brilhante de seu gênio científico.

Píteas, diz Lelewel, como qualquer viajante hábil, combinava as informações dos habitantes locais, com o que via, e ainda com as distâncias medidas e a direção da rota, para, então, formar uma idéia de suas descobertas e traçá-las numa carta.

Para ser exato nesta operação, era-lhe necessário, nos três ângulos de seu triângulo britânico e em Tule, conhecer a duração do dia, no solstício. Belerion, estava fora de seu caminho. Tocara em Cantiom, Orcas e Tule em época bem afastada do dia solsticial. Nestes três pontos, sua clepsidra ou seu relógio d'água deram-lhe, em dias diferentes, os números pelos quais fez conjeturas aproximativas para a duração do dia solsticial, tanto quanto lho permitiram o tempo escuro e chuvoso perceber o raiar do sol. Suas conjeturas, por conseguinte, mostram-se errôneas porque colocavam os dois pontos aproximadamente a 3 graus mais ao norte, e o de Tule a 6 graus.

Os bretões apontavam-lhe os lugares em que o sol nascia e se escondia, e essas indicações concordavam com as suas conjeturas e seus erros. Acusaram o valoroso navegante de fantástico e mendaz, supondo que êle fornecia essas informações ao acaso, pois nunca fôra aos locais indicados. Mas o "geógrafo" Estrabo, que o acusou com tamanha animosidade, que notáveis ensinamentos ofereceu sobre a ilha britânica? Meio século mais tarde, o famoso Tolomeu não repetiu êsses mesmos enganos?

Voltando de sua viagem ao norte, Píteas, sem penetrar no estreito de Cantiom, dirigiu-se para a esquerda e continuou a percorrer o litoral do continente europeu, encontrando alguns dias mais tarde a foz do Reno. Além do Reno, habitavam os ostiões.

Um pouco mais longe, apresentava-se um gôlgo, chamado Mentonomom, com 6.000 estádios de extensão, a cujas margens havia povoações de bárbaros que já não pertenciam à raça céltica: eram os germânicos gutões.

Dentro dêste gôlfo, a um dia de navegação do continente, verificou o massaliense a existência de uma ilha denominada Abalus ou Abálcia, sôbre cujas margens, durante a primavera, as ondas depositam succino. Os habitantes queimavam-no, em lugar de lenha, ou o vendiam aos teutões, seus vizinhos. Êstes, porém, habitavam o continente.

Por fim, Píteas atingiu “ **foz septentrional do Tanaís**”, e daí, terminando suas descobertas, regressou a Massália.

\*

Como se nota, Píteas não procurou visitar nessas remotas regiões os famosos cimérios e hiperbóreos, nem tentou localizar o célebre rio Eridam... Revelou a existência dos povos que vira, e que realmente existiam, referindo-lhes, então, as verdadeiras denominações. Foi, de fato, o primeiro que ensinou à nascente “Humanidade” os nomes de seus futuros filhos “germânicos”: os ostiões, os gutões e os teutões, redescobertos trezentos anos depois pelos romanos, exatamente nesses locais.

Himílcom realizara uma viagem de finalidade comercial. Tal como fariam, muito mais tarde, nossos gloriosos antepassados portugueses, procurara o caminho marítimo que possibilitasse a aquisição direta do estanho, libertando os cartaginezes da exploração dos intermediários. Píteas, ao contrário, nem se interessou em visitar as ilhas Cassitérides. Parecia sobretudo guiado pelo espírito jônico de investigação da verdade, que se firmara com Tales, Hipócrates, Aristóteles e alguns outros gênios de menor grandeza, e que produziria, em breve, Tiparco, Apolônio e o extraordinário Arquimedes.

Tudo faz crer que o explorador de Massália tinha por fito principal realizar verificações de ordem geográfica, para esclarecer obscuras hipóteses multi-seculares. Seu desiderato era averiguar os limites das terras ocupadas pelos celtas. Obser-

vou que, além da foz de certo rio caudaloso, os habitantes falavam língua diferente e tinham aspectos e costumes diversos. De acôrdo com os preconceitos helênicos da época, êsse rio devia ser o “Tanaís”, que separava os celtas dos citas... Mas podemos ter quase certeza de que o massaliense não acreditava na existência de um “Tanaís de duas fozes”. Timeu foi um copiador de Píteas. Pois bem, Timeu distinguiu seguramente o Tanaís do norte do Tanaís do Meótis. Essa, provavelmente, era a opinião de Píteas. Mas êste “Tanaís de duas fozes” não seria formado pelo Danúbio e o Reno?

O duplo Tanaís como o triplo Eridam foram, nesses tempos apartados, objeto de conjeturas e hipóteses, tal qual o Nilo e o Niger o eram ainda em meados do século passado.

\*

Antes da viagem de Píteas, dizia-se na Céltica, e mesmo entre os gregos, que os povos do norte sofriam freqüentes prejuízos, em virtude das inundações periódicas produzidas pelo mar. Afirmava-se, além disto, que os habitantes do litoral, não querendo fugir diante das ondas enfurecidas, que invadiam suas terras e destruíam as plantações, a isto se opunham de armas na mão, preferindo perecer a recuar.

Esta curiosa manifestação fetichista, de tão tristes consequências, recorda-nos a de Xerxes, mandando aplicar trezentas chicótadas no Helesponto, e marcá-lo com ferro em brasa, por lhe ter arruinado a ponte de barcos que fizera construir para a invasão da Europa, segundo projeto de “engenheiros” jônios.

Píteas, através de seu fiel copista Timeu, deixou algumas informações sôbre a alta maré que submergia as ilhas existentes entre a ilha britânica e a Céltica: ao retirar-se o Oceano, a língua de terra, que as liga ao continente, descobre-se de todo, e então, assim reunidas, formam uma longa península. Algumas dentre elas, com o decorrer dos séculos, parece que foram inteiramente destruídas pelas ondas, mas a de Abálcia talvez seja a que hoje tem o nome de Baltrum.

Tudo faz crer, portanto, que o massaliense haja terminado sua viagem na foz do rio Elba, não havendo razão para acreditar que tinha ido mais longe, atingindo o mar Báltico.

Na volta a sua pátria, deve ter êle gasto cerca de cem dias, viajando ao todo aproximadamente 186.000 estádios.

\*

### III. — Píteas astrônomo.

Antes de encerrar esta notícia, parece-nos interessante fazer ainda resumida apreciação do viajante massaliense, como astrônomo.

Na justíssima opinião de Lelewel, Píteas pode ser considerado verdadeiro sábio de seu tempo e um dos mais ilustres astrônomos da Antigüidade. Aliás, foi exatamente assim que Augusto Comte o classificou em seu Calendário, consagrando-lhe honroso pôsto, entre Eudóxio e Aristarco, na terceira semana do mês em que se reverenciam os cientistas da Antigüidade.

As críticas inéptas, que lhe foram feitas por Estrabo e outros escritores gregos, não podem ser levadas em conta, porque resultaram, na maior parte dos casos, de falsos e enraizados preconceitos, nutridos pela ignorância de muitos séculos.

Píteas, para êsses escritores, era mentiroso porque se referia a descobertas feitas durante uma viagem que se não realizara... Era mentiroso porque não fôra êle quem fizera a viagem... Mentiroso porque dissera ter visitado uma grande ilha, que certamente não existia...

Mas a verdade é que, se a escola peripatética, então chefiada por Teofrasto, negou quase inteiramente o valor de seus trabalhos, nem todos os estudiosos assim procederam.

Timeu de Tauromênium, por exemplo, que era siciliano, e que por isto mesmo conhecia melhor as coisas do mar, aceitou confiadamente as narrativas do navegante de Massália e, por felicidade, houve por bem reproduzi-las amplamente.

A glória de Píteas, entretanto, começou a firmar-se definitivamente na escola de Alexandria. Eratóstenes em 226, e depois dêle o insigne astrônomo Hiparco, reconheceram o mérito do massaliense, admitiram suas descobertas e consultaram e seguiram suas observações. Foi, de resto, com o auxílio das obras de Píteas que conseguiram melhorar as cartas geográficas.

Como astrônomo, foi também Píteas fator de assinalado progresso. Procurando com espírito verdadeiramente científico a altura do polo, assegurou não observar nesse ponto do céu nenhuma estrêla, mas que o polo formava um quadrilátero com três estrêlas vizinhas. A dois ou três graus do polo, encontrava-se a estrêla do nariz da Girafa, que podia servir



de estrêla polar. Píteas não se referiu, como seus predecessores, a existência de um astro polar, sempre imutável.

Os navegadores gregos, como já tivemos oportunidade de recordar, dirigiram-se ordinariamente pela Ursa Maior. Píteas guiava-se, com muito maior exatidão, e esta vantagem, segundo Lelewel, explica de algum modo a sua excursão até a ilha de Tule.

A escola de Alexandria, aplaudindo a determinação da posição do polo, não fêz a menor restrição aos aspectos do céu indicados por Píteas. Sabia, pelo contrário, que o astrônomo massaliense utilizara um enorme gnomo, cuja sombra observava ao meio dia, no dia solsticial. Com êste recurso, determinava a obliquidade da eclítica e a latitude de Massália.

Gosselin, apesar de ter reproduzido, sôbre Píteas, as críticas de Estrabo, neste caso fêz justiça ao astrônomo greco-gaulês, considerando que haja determinado em  $43^{\circ} 18'$  e  $25''$  a latitude norte de sua pátria e, por conseguinte, com um êro de 40 segundos, apenas. Para a época, era uma determinação verdadeiramente magistral.

Eratóstenes e Hiparco concluíram que Massália estava a  $43^{\circ} 3'$  e  $38''$ , ao norte do Equador, e fixaram a obliquidade da eclítica em  $23^{\circ} 51'$  e  $15''$ .

Para perceber a importância e o valor dos trabalhos de Píteas, neste particular, basta ter em vista os erros tremendos dos geógrafos gregos anteriores ao glorioso Massaliense.

**JOÃO FRANCISCO DE SOUZA**